

JOÃO CABRAL, LEITOR DE NATIVIDADE SALDANHA

Éverton Barbosa CORREIA (UNESP/São José do Rio Preto - FAPESP)

RESUMO: Em 1949, João Cabral de Melo Neto escreve uma carta a Manuel Bandeira em que revela o desejo de “desenterrar” José da Natividade Saldanha – poeta, publicista e político envolvido na *Confederação do Equador*. Quando publicado, o livro *A escola das facas* (1980) trouxe uma composição intitulada “Um poeta pernambucano” que descrevia a vida do patriota liberal oitocentista. A partir daí, passa a ser curioso que um poeta tão avesso a especulações biográficas tenha se empenhado em esmiuçar a vida de outro, com fortes marcas históricas vinculadas à sua existência e à sua produção literária. Refletindo sobre a obra do outro poeta, João Cabral encontra um correspondente formal que serve para analisar um percurso histórico que interessa aos seus princípios de composição, porque cerradamente encravado na história brasileira e na biografia de um sujeito, com quem não deixa de se identificar.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia Brasileira; João Cabral de Melo Neto; Natividade Saldanha; Subjetividade.

ABSTRACT: In 1949 João Cabral de Melo Neto has written a letter to Manuel Bandeira in which reveals the wish to “unbury” José da Natividade Saldanha – poet, publicist and politician involved in the *Confederação do Equador*. As the book *A escola das facas* (1980) was published, it brought a poem entitled “Um poeta pernambucano”, describing the life of that patriot, liberal and revolutionary writer. From this, it can be curious that a poet so contrary to biographic speculations had made effort to discover minimal facts of life’s other, with hard historical signs in connection with their existence and with their literary production. Mirroring on the work of other poet, João Cabral reaches a formal correspondent which serves to analyze a historical trajectory that interests to his composition principles, why they are solidly landed in the Brazilian history and in the biography of a subject, who he does not leave to identify with.

KEYWORDS: Brazilian poetry; João Cabral de Melo Neto; Natividade Saldanha; Subjectivity.

Um poeta pernambucano

1

Natividade Saldanha
(que do pátio de São Pedro
de Olinda, filho de padre
e mulato quase negro)

foi quem primeiro mostrou
que um poema se podia
sobre o ponche de caju,
sobre o galo-de-campina.

2

Pernambucano apressado,
léguas à frente do então,
foi-se antes de que o império
lhe desse decoração.

Republicano que ele era,
ministro de Vinte-e-quatro,
que grau na Ordem lhe daria?
Certo o colar de enforcado.

3

O vento, então, mais propício
a espanhas e portugueses
leva-o à “Europa dos antigos
parapeitos” (e missais)

Mas assim que se escapou
daquela Europa decrépita,
de beatas e santa aliança,
veio a Bolívar, na América.

4

Anos passam: só o álcool
traz-lhe o alísio do Recife,
os muxarabis de Olinda,
crer em Bolívar, sentir-se.

Numa noite em Bogotá,
de temporal terremoto,
vindo de um latim que dava,
foi-se no enxurro de um esgoto[1].

“– Conhece v. a obra de Natividade Saldanha? Estou com vontade de desenterrá-lo. Não é genial um sujeito que fez antes de 1824 uma ode anacreônica sobre o ‘ponche de caju’?”[2] Este *Post Scriptum* de uma carta de João Cabral endereçada a Manuel

Bandeira nos idos de 1949, se não explica o poema devotado a Natividade Saldanha, justifica muitos aspectos da sua escritura trinta anos depois. A duração da simpatia constitui um fenômeno da escrita cabralina que se estende para a produção do poeta oitocentista e afasta qualquer consideração episódica a seu respeito. O grau de simpatia se desdobra se levarmos em conta que a última publicação de *As poesias de Natividade Saldanha*[3] havia se dado em 1875, tendo saído do prelo português, inicialmente, em 1822, sob o título de *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*[4]. A partir dessa constatação, o volume referido muito provavelmente deve ter chegado a João Cabral pela via familiar, devido ao fato de que quando do envio da supracitada carta o autor residia na Espanha, em cujas bibliotecas dificilmente haveria algum exemplar do mencionado livro. Além disso, a biblioteca da universidade de Coimbra se afigurava mais distante naquele momento do que o contato com familiares, saldado sempre pela solicitação de algum referente pernambucano.

Acrescente-se que também nesse poema a incorporação do dado subjetivo vai dar a tônica da composição de alguém reconhecida e confessadamente avesso a contaminações biográficas, muito embora a vida em destaque seja a de Natividade Saldanha e não a sua. Causa espécie, ainda, o exemplo do mulato revolucionário, cuja figura está diretamente atrelada às suas peripécias, contrariando de algum modo os princípios que animam o grosso da produção cabralina. Assim, cumpre investigar como se estrutura esse espectro que surge em época obscura de nossa formação cultural, quando elementos extraliterários passam a ser determinantes da expressão nacional e também daquela produção em particular, sobretudo pelo papel político que seu autor desempenhara na já longínqua *Confederação do Equador*.

No livro *A escola das facas* não há como ignorar o fato de que o autor se volta de maneira enfática para um quadro de referências que rememora sua infância e também seu universo familiar, seu estado e também os heróis de sua história. Tudo isso aparece também quando falamos de Natividade Saldanha, personagem histórica por excelência – e aqui podemos identificar uma razão objetiva para sua menção –, mas que parece interessar ao poeta também por outras razões, donde podemos cogitar o estilo e o assunto abordado, que passa pela vida do federalista radical.

Essas hipóteses estariam mais seguras se não estivessem vazadas pela biografia mais do que sedutora do pernambucano, que, trazendo a história consigo, converte-se em poesia. O inusitado do episódio gravado em poesia é que não é a história que traz a personalidade, mas seu contrário: a personalidade é que traz a história e a poesia, como se pudesse a um só tempo sobrepor-se a ambas, ao menos na fatura poética que se analisa.

Isto se evidencia pelo título oscilante entre uma demarcação simplória e quase casuística de ser apenas “um poeta pernambucano”; ou, por outro lado, tomado numa pompa grandiloquente, própria dos provincianos que, apesar de tudo, se interessam em reconhecer os méritos de “um poeta pernambucano”. Ambas as acepções parecem aplicáveis ao biografado, pela importância que teve no significativo movimento histórico, que pretendeu emancipar o país e, fracassado, ficou sendo reconhecido simplesmente como um episódio fortuito da história de Pernambuco, o que se deve em parte ao seu desconhecimento.

Natividade Saldanha é o nome que abre o poema e realiza o primeiro verso, que vai progredindo ao longo do texto até que sua imagem apareça inteira, como poeta e revolucionário que foi. O fato é que tudo no poema gira em torno de um nome que cresce e desaparece num esgoto. De modo que a referência biográfica se impõe criteriosamente do primeiro ao último verso. É tão imperativa a insistência na descrição de uma vida, que a matéria histórica ou social tão próprias à escritura de João Cabral parece se esfumar, se não vista através da imagem do biografado. Curiosamente, é aí que essa escritura se radicaliza, porque mais humana e mais absurda, quando está às voltas com Natividade Saldanha.

O pátio de São Pedro de Olinda foi o lugar de onde saíram inúmeros padres revolucionários, que já se insurgiam no século XVIII e que, no século XIX, passa a produzir bem mais, a partir da direção do bispo Azeredo Coutinho. Também era comum naquela época que os padres e os frades tivessem filhos, como é o caso de padre Roma – pai de Abreu e Lima –, ou mesmo de Frei Caneca – que tinha três filhas. Sendo mulato no Brasil em fins do século XVIII e início do XIX, a sorte de Natividade Saldanha estava relativamente limitada, não mais do que nos Estados Unidos, de onde foi

escorraçado pelo preconceito de cor, mas nada disso o impediu de formar-se bacharel em Direito na cidade de Coimbra e exercer seu ofício com grande desenvoltura, a ponto de ter redigido o *Argos Pernambucano* e ter sido eleito o secretário da junta governativa que proclamou a *Confederação do Equador*.

Dizem críticos e biógrafos que era dado ao álcool, mas no poema, antes que a referência apareça, como combustível que o levou a Bolívar para lutar por outras liberdades, aparece o ponche de caju, refrigerante bucólico que marca certo gosto pelo que é nativo, visto que toda a nossa paisagem litorânea, até umas poucas décadas, era toda floreada por cajueiros. Árvores que são reforçadas em sua tonalidade brasílica pelo majestoso passarinho silvestre que é o Galo-de-campina, o qual, em vez de jandaias e sabiás, empresta um espectro brejeiro e viril à paisagem brasileira, muito a contragosto dos românticos que dela abusaram até a exaustão. Cumpre ainda lembrar que o pássaro tricolor evoca a condição das bandeiras republicanas, cujo assento nas lojas maçônicas que apoiavam os levantes era incontestado. O pássaro remete a referências biográficas por dupla via: pela condição racial e pela posição sócio-política do autor. De todo modo, aí vão os poemas citados.

O galo-de-campina

Sigo teus vãos
Gênio divino,
Cantor da glória,
Sonoro Elpino.
Campino Galo
De garbo cheio,
No prado voa.
De amor contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha c'roa.
Ave tão bela
Não viu ninguém.
Colar purpúreo
Lhe adorna o peito;
Quando ele entoa
Doces amores
Por entre as flores
A voz ressoa.
Ave tão bela
Não viu ninguém.[5]

Ou ainda:

O ponche de caju

Do loiro caju,
Anália, bebamos
O ponche gostoso,
Que aviva o prazer;
Mais grato que a Ambrósia,
Que Jove no Olimpo
Se apraz de beber.

Oh! Como é formoso
O pomo suave
Ao cheiro, ao padar!
Se pomos tão belos
Atlanta gozara,
Os d'oiro deixando
Nem quisera vê-los.

Triunfe Alexandre
No roxo oriente
Que Baco domou:
Deixá-lo vencer;
Anália, eu só quero
O ponche agridoce
Contigo beber.[6]

É claro que cada um desses poemas mereceria uma abordagem própria, mas como o propósito aqui esboçado é apenas delinear um poeta em função do outro, vou ressaltar apenas umas poucas marcas que se destacam mais imediatamente. Quanto ao primeiro poema citado, evidencia-se a identificação do poeta com o pássaro transfigurando nas penas vermelhas que adornam sua cabeça a exuberância de sua cor: mulato de olhos claros, Natividade Saldanha sempre esteve às voltas com amores não correspondidos, não raro por impedimentos familiares. Tal como o passarinho do poema, apesar de garbo cheio, não viu ninguém.

Já o outro poema, carregado de referências clássicas, marcando ainda um ranço arcádico, dinamiza a singeleza e simplicidade do tratamento formal, a grandeza e a solenidade dos deuses evocados. O prosaísmo, e até a sensualidade, do caju compromete a solenidade divina, o que fica bem expresso nos últimos versos: “Anália, eu só quero / O ponche agridoce / Contigo beber.” A partir daí, percebe-se um desarranjo formal que marca, por outra via, moderada decadência, que pode ser traduzida pela própria sociedade a que ele se confinara e num gosto desabusado pelo que é mais contingente.

Em ambos os casos, seja quando fala do galo-de-campina ou do ponche de caju, o tratamento dado à natureza não visa a uma natureza idealizada, tal como aquela explorada exaustivamente por certa parte da produção romântica que lhe é posterior. Aqui há um ganho enquanto possibilidade histórica, de tratar a natureza como sendo a que se apresenta de fato, o que imprimiria uma forte dose de realismo à nossa representação e, quem sabe, também de emancipação histórica. Nessa linha de pensamento, podemos tomar a voz de Natividade Saldanha como uma que surge nos estertores de uma época decadente, mas que, tendo sido suprimida, se nos afigura como algo remoto e já perdido, com pouco a dizer e talvez nada a ensinar. E como estamos falando de possibilidades abortadas pelo nosso desenvolvimento histórico, a referência vale mais pelo que diz de outro poeta.

Não é difícil enxergar na obra de João Cabral o mesmo procedimento de transferir seu sujeito para um objeto preciso, tal como Natividade Saldanha faz com o galo-de-campina, que, naquela circunstância, tanto poderia remeter ao exótico de sua condição natural como à bandeira tricolor republicana, incorporada nas três cores do pássaro e que, noutras cores, estão gravadas na bandeira pernambucana, timbrada por ocasião da Revolução de 1817. Acresce, ainda, que esse nativismo rude vai servir de objeto adequado às explorações do poeta moderno, inclusive por revelar a materialidade de sua intervenção.

Mesmo considerando que o poeta assumiu ter iniciado seu repertório de poesia através da leitura de autores modernos, a carta escrita a Bandeira antes de seus trinta anos demonstra que, desde muito cedo, se deu sua familiaridade com a tradição lírica pernambucana. Antes mesmo de marcar sua posição em face da “Geração de 45”, só vinda a público em 1952, sua simpatia para com os poetas conterrâneos já se mostrava efetiva. E ainda que não seja o veio formal que mais o aproxima daqueles poetas, há sem dúvida uma valorização da matéria circunstante que é tomada por todos como um bem comum. Mais do que isso, vale o destaque de que o interesse de João Cabral por Natividade Saldanha nunca se restringiria à descrição de uma biografia fascinante, bem como tampouco podemos reduzir seu interesse ao engajamento revolucionário. Alguma consideração, pois, há de ser feita a respeito de seu desempenho poético, no qual o poeta moderno consegue enxergar algo mais do que já havia sido assinalado pela crítica,

donde convém destacar elementos como o ponche de caju ou o galo de campina, em oposição a jandaias e rouxinóis ou o vinho tão celebrado pelos nossos românticos.

De todo modo, não há como escapar ao fato de que, pela sua mulatice, José da Natividade Saldanha traz uma marca do tempo gravada na sua pele e no seu sangue. Por outras razões, também podemos dizer que João Cabral de Melo Neto traz a história, a geografia e um modelo de sociabilidade correspondente gravados na sua carne e no seu sangue, pelo que carrega da genealogia que assume. Talvez por isso seja tão simpático ao poeta oitocentista, a ponto de incorporar a descrição de sua vida como matéria de poesia. E nem aqui estaria contradizendo seus princípios de evitar uma fortuita impregnação subjetiva no corpo de sua obra, mas absorvendo uma subjetividade na medida em que está saturada de significação histórica.

Assim, sua simpatia para com o patriota fica mais estreita e pertinente, porque, tal como aquele, carrega consigo um pedaço da história encarnado no próprio corpo. Desse modo, o grau de simpatia se revela em dois tempos: primeiro, pela partilha de uma história comum – a história que Natividade Saldanha traz se confunde com a da ancestralidade do poeta; depois, porque o poeta mulato é a própria materialização dos conflitos históricos de que se ocupa o Anfion do Capibaribe. Falando do patriota, o diplomata se exime de fazer considerações sobre a história, posto que Natividade Saldanha já é a história e, só por isso, dispensa referências. Assim, João Cabral estaria atingindo em toda a radicalidade os princípios de sua poética, onde linguagem e conflito social se imbricam de modo indissociável. Conflito social que Natividade Saldanha ressuscita na sua condição familiar, profissional e política. Sua linguagem não é menos sedutora do que sua biografia, posto que interviesse no seu meio social através do *Argos pernambucano*, de 1824, cuja acidez expressiva vai ser insidiosamente destilada contra o Império. Ali vai desenvolver uma retórica extremamente objetiva e que, de tão pragmática, beira a ingenuidade, ao mesmo tempo em que oferece uma nítida dimensão de quais eram os seus propósitos e posicionamentos.

Antes ser livre e não ser independente, do que ser independente e não ser livre. Antes viver na escravidão de Portugal do que na do Brasil, para que se não diga que os brasileiros foram tão estúpidos que tendo forças para separar-se da metrópole e tendo ocasião de adotar um governo livre e acomodado às suas circunstâncias, adotaram um governo infame e vil como são todos os governos absolutos.[7]

Além de declarações como essas que alvejavam diretamente o Imperador, o autor também ironizará a Câmara do Rio de Janeiro por se tomar pelo Senado romano, sem ter a devida competência para conferir poder algum a D. Pedro I. Longe de apontar para qualquer ambiguidade de posicionamento, o quadro de referências ilustra bem o momento vivido pelo poeta, quando todas as contradições manifestas se apresentavam em carne viva, sem grandes mediações, tal como sua poesia as encerra. Pois, se a partir daquele momento a heroicidade pernambucana vai ser aferida pelo maior ou menor grau de resistência ao domínio metropolitano, antes disso a nobreza pernambucana se fiava com galhardia por reputar-se mais próxima de Portugal.

Se insistirmos no papel desempenhado pelo poeta oitocentista na *Confederação do Equador*, vamos perceber que havia algumas conveniências em tê-lo como secretário da junta governativa – cuja presidência foi exercida por Manuel Carvalho Pais de Andrade –, de forte influência norte-americana e que precisava de outros elementos que reforçassem o sentimento nativista, então em voga. Para tanto, nada melhor do que o próprio Natividade, que, sendo mulato, incorporaria as reivindicações da terra, sem requerer maiores direitos à gente de cor, posto que muito bem ilustrado e integrado à gente da terra. Assim, se descartaria maiores ousadias revolucionárias, o que havia comprometido à Revolução de 1817, pela hesitante adesão dos proprietários locais, que se viam ameaçados pelo famigerado reajustamento da propriedade (sugerido na época), que implicaria suposta perda de terra e de escravos. Com Natividade à frente do movimento revolucionário, ficava claro que havia outra possibilidade de projeção ao negro (se liberto), através do estudo, e devidamente já amparado pela legislação, tal como aquele sujeito demonstrava. Tudo isso era reforçado pelo seu próprio nome, que funcionava como verdadeiro *slogan* a favor da causa nativista, o que só agitava os demais revolucionários – mesmo os de família abastada.

No poema de João Cabral, tal simpatia fica expressa também no verso: “Pernambucano apressado, / léguas à frente do então”, que pode ser entendido sob o viés político, pelo republicanismo pregado no início do século XIX, mas também sob o viés literário, já que os versos anteriores falavam precisamente do galo-de-campina e do ponche de caju. Sendo assim, o dístico mencionado faz a ponte entre o político e o literário. Em ambos os casos, Natividade Saldanha estaria à frente do seu

tempo, ao menos na visão desse outro poeta pernambucano. O humorismo sutil de João Cabral revela-se nos versos seguintes, que também justificam a pressa do biografado: “foi-se antes de que o Império / lhe desse decoração.” Decoração dada a tantos outros revolucionários, que nem sempre dispuseram da opção do modo de morrer, se na forca ou por fuzilamento, como o foi Frei Caneca. No poema, está explícito mais adiante o grau que receberia: “Certo o colar de enforcado”.

A terceira parte do poema, que consta de duas estrofes, se volta certamente para o percurso desenvolvido pelo liberal radical republicano, o que já foi devidamente comentado e que só reforça a proximidade da escrita cabralina dos acontecimentos históricos. No entanto, a quarta parte se volta para o desfecho da vida traçada e se encerra muito convictamente de que fora a enxurrada, numa noite de temporal, em meio a um terremoto, que ceifara a vida de José da Natividade Saldanha. E essa foi, de fato, a versão mais corrente e mais aceita acerca de sua morte, porém não a única.

Acontece que numa das revistas do *Instituto histórico, arqueológico, geográfico pernambucano*, Argeo Guimarães diz o seguinte:

A vida de Saldanha parecia um romance, [...] de incríveis aventuras e desditas, cumpre acrescentar.

Foi condenado à morte em Pernambuco; peregrinou por Europa e América; esteve moribundo num hospital de Londres; naufragou no Canal da Mancha; presenciou um terremoto em Caracas; viajou pelo ‘inferno verde’ das florestas tropicais; subiu altas montanhas; padeceu os maiores calores do Rio Magdalena, e os frios cortantes dos paramos andinos, morreu afinal, perdido da pátria e da família, talvez assassinado, talvez fuzilado. [...]

A trágica morte de Saldanha, segundo novas informações, não ocorreu na Athenas americana, mas sim na cidade de Cali, fuzilado entre conspiradores. Continua pois, aberta, a devassa na desdita do infeliz. [...]

Dados acordes faziam-me afirmar que a morte do pobre vate peregrino fora devida a um desgraçado acidente.

Morreu afogado numa vala, das muitas que sulcaram as ruas de Bogotá colonial.

Admitia um cronista, que esse inglório fim não havia sido casual: mãos criminosas e rivais haveriam compelido o infeliz a cair no imundo fosso, no qual pereceu. Outros insinuem que Saldanha estava, quiçá, um tanto ébrio, e, por isso, não pode escapar ao perigo.

Variam, pois, as conjecturas e as versões dos contemporâneos do poeta; mas todas em torno do acidente na vala fatídica. Saldanha teria morrido, pois, num recanto de Bogotá colonial, em frente ao hospital de S. João de Deus.[8]

Se tantos outros revolucionários se mantiveram em luta pela liberdade em outras terras já que a repressão no Brasil fora fortíssima, Natividade Saldanha vem consagrar pela via externa o filão daqueles revolucionários, que se empenharam em desenvolver ao máximo as conquistas possíveis ao seu tempo. Embora haja pontos de contato entre a intervenção de frei Caneca e de Natividade Saldanha na imprensa da época, não podemos ignorar a diferença de envolvimento entre ambos com a causa revolucionária, uma vez que o mulato veio a compor a Junta Governativa. Ainda assim, sua morte misteriosa e anônima no exterior não deixa de falar de processos internos ocorridos no Brasil, do que ele é emblema e ilustração.

Contrabalançada com o número de artigos e livros voltados para o esmiuçamento da sua biografia, a inexistência de uma coletânea de sua produção só pode ser consolada pelo fato de que seus biógrafos são unânimes em afirmar que um ou outro fulano ouvira uma magistral solução em versos do poeta para tal ou qual circunstância. Mas como tal exercício é demasiado ocioso, talvez seja melhor nos atermos ao que ficou de remanescente de sua produção, que no plano político pode ser mais bem ilustrada pela sua intervenção no *Argos Pernambucano* e, no plano literário, pelas suas poesias, já mencionadas.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, F. de. **As idéias fixas de João Cabral**. Compilação, seleção e prefácio de Félix de Athayde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

GUIMARÃES, A. Natividade Saldanha. **Revista do Instituto arqueológico, histórico e geográfico pernambucano**, Recife: Oficinas gráficas da repartição da república oficial, v. XXV, p.154-160, 1923.

HOLANDA, S. B. de. **Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial**. São Paulo: perspectiva, 1979.

MELO NETO, J. C. de. **Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond**. Organização, apresentação e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. **Poesia completa e prosa**. Organização Antonio Carlos Secchin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

SALDANHA, J. da N. **Poemas oferecidos aos amantes do Brasil**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.

_____. **Argos pernambucano**. Recife, n. 1 (31 mai. 1824) – n. 6 (11 ago. 1824), p. 1-24.

_____. **Poesias de Natividade Saldanha**. Introdução, notas e fixação do texto José Augusto Ferreira da Costa. Recife: Tipografia Universal, 1875.

SECCHIN, A. C. **João Cabral: a poesia do Menos e outros ensaios cabralinos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. **Escritos sobre poesia & alguma ficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

[1] MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa e prosa*. Organização Antonio Carlos Secchin. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 422.

[2] MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.105.

[3] SALDANHA, José da Natividade. *Poesias de Natividade Saldanha*. Introdução, fixação do texto e notas por José Augusto Ferreira da Costa. Pernambuco: Tipografia Universal, 1875.

[4] SALDANHA, José da Natividade. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.

[5] SALDANHA apud HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Antologia dos poetas brasileiros da fase colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.480.

[6] *Idem*, p. 480-481.

[7] SALDANHA, José da Natividade. *Argos pernambucano*, Recife, n. 6 (11 ago. 1824), p. 24.

[8] GUIMARÃES, Argeo. “Natividade Saldanha” in: *Revista do Instituto arqueológico, histórico e geográfico pernambucano*. Recife: Oficinas gráficas da repartição da república oficial, 1923. V. XXV, p. 159-160.